

## O artifício de extensão na metáfora da “luta”

Naira de Almeida Velozo (UERJ)\*

*Resumo:* O artifício de extensão é o objeto de estudo desta pesquisa. Por meio de tal recurso cognitivo, uma metáfora primária, associada a determinadas expressões convencionalizadas, é expressa por novos significados linguísticos, que se baseiam na introdução de um elemento conceptual no domínio-fonte. Sendo assim, objetiva-se analisar que elementos são introduzidos no domínio-fonte LUTA, para que se crie a metáfora estendida da “guerra”. Escolheu-se o conector “mas” como pista linguística para a análise do recurso de extensão. Em vista disso, alguns exemplos de uso desse conector foram obtidos da primeira sessão de um caso de mediação endoprocessual, ocorrido no Rio de Janeiro. Essa entrevista de mediação refere-se ao primeiro encontro de Amir e Flávia, pais de Vitor e Íris, após algum tempo de separação. Nesse encontro, a mediadora procura fazer com que o ex-casal tente um acordo a respeito do pedido de regulamentação de visita aos filhos. O presente estudo será fundamentado pelo seguinte arcabouço da Linguística Cognitiva: teoria da metáfora conceptual, hipótese da corporificação, modelos cognitivos idealizados e princípio de projeção entre domínios conceptuais. Os resultados desta pesquisa indicam que os elementos *plano de estratégia* e *forças marciais* foram introduzidos no domínio LUTA para que o domínio GUERRA fosse formado por extensão. Além disso, verifica-se que o uso do artifício de extensão relaciona-se a propósitos argumentativos, intensificando a força dos argumentos em uma discussão.

**Palavras-chave:** metáfora, extensão, domínios conceptuais, modelos cognitivos idealizados e princípio de projeção.

A obra *Metaphor we live by* (1980), de Lakoff e Johnson, teve seu conteúdo estendido pelo posfácio apresentado na edição de 2003. Os próprios autores do livro, na seção do posfácio intitulada “Some Corrections and Clarifications”, afirmam que ainda não olharam com profundidade para a metáfora primária, e, como resultado disso, algumas das análises do *Metaphor we live by* estão incompletas, caso em que se encaixa o estudo do conceito metafórico DISCUSSÃO É GUERRA.

A motivação para o desenvolvimento desse artigo surgiu a partir desses esclarecimentos de Lakoff e Johnson, os quais sinalizaram a necessidade de se estudar mais detalhadamente a metáfora da “guerra”, e, conseqüentemente, as suas bases formadoras. Sendo assim, o tema central desse artigo é o artifício cognitivo de extensão. E objetiva-se observar que elementos conceptuais são introduzidos no domínio LUTA, para que se construa o domínio GUERRA, o que levaria a uma compreensão da formação da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA e da sua incorporação ao sistema conceptual humano.

Considerando que as palavras são pistas para a construção do significado, escolheu-se analisar alguns exemplos de uso do conector “mas”, em um caso de mediação endoprocessual, para se estudar a respeito do artifício de extensão, já que determinados usos desse conector são fundamentados pela metáfora DISCUSSÃO É GUERRA.

Espera-se que essa breve exposição colabore com as reflexões acerca da existência de metáforas no sistema conceptual humano, e de como é possível que esse sistema seja fundamentalmente metafórico.

---

\*

Pesquisa desenvolvida com bolsa da FAPERJ, sob a orientação pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sandra Bernardo.

\*\*VELOZO, Naira de Almeida. O artifício de extensão na metáfora da “luta”. In: BERNARDO, Sandra; VELOZO, Naira de Almeida; MARTINS, Queila de Castro. *Linguagem: Teoria, Análise e Aplicações* (V). Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras – ILE/UERJ, 2010, p. 68-78.

## 1) O Conceito Metafórico

A metáfora, na visão sociocognitivista, também é denominada *conceito metafórico*, o qual é compreendido como um mecanismo cognitivo que está infiltrado na linguagem, no pensamento e na ação. Lakoff e Johnson (*op.cit.*) afirmam que os processos do pensamento são em grande parte metafóricos, logo, existem metáforas no sistema conceptual humano, as quais tornam possíveis as metáforas como expressões linguísticas.

O conceito metafórico DISCUSSÃO É GUERRA possibilita, por exemplo, que se construam expressões como: “Ele *atacou todos os pontos fracos* da minha argumentação”, “Jamais *ganhei* uma discussão com ele” e “*Destruí* sua argumentação” (*ibid.*, p.46). Nota-se que, entendendo a metáfora como um ornamento retórico, as frases mencionadas não seriam consideradas metafóricas, porém, adotando a perspectiva sociocognitivista, percebe-se que a metáfora não está presente unicamente nas palavras escolhidas, mas no próprio conceito de *discussão*.

Quando a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA faz parte do sistema conceptual da cultura na qual se vive, concebe-se discussão e discute-se de acordo com tal conceito metafórico, o que pode ser observado em relação às atitudes e às escolhas linguísticas dos participantes de uma conversa, inclusive em discussões ditas racionais e ideais, as quais ocorreriam nos meios acadêmico, legal, diplomático, eclesiástico e jornalístico. A seguir, apresentam-se exemplos de como os participantes, mesmo em uma discussão sem confronto físico, utilizam meios verbais para *atacarem, defenderem-se e se contra-atacarem*:

...porque eu sou maior do que você (intimidando); ...porque se você não..., eu vou... (ameaçando); ...porque eu sou o patrão (apelando à autoridade); ...porque você é tolo (insultando); ...porque você geralmente faz isso errado (depreciando); ...porque eu tenho tanto direito quanto você (desafiando a autoridade); ...porque eu te amo (evitando determinado assunto); ...porque se você quiser..., eu farei... (negociando); ...porque você é muito melhor nisso (elogiando).

(Lakoff & Johnson, 2002, p.135)

É interessante notar que mesmo que não se tenha experienciado uma luta ou uma guerra, concebe-se discussão como guerra. A próxima seção evidenciará porque essa conceptualização é possível.

## 2) Metáfora e Experiência

Segundo a proposta sociocognitivista, a construção da significação referente ao universo cultural humano leva em conta a captação dos dados da experiência. Sendo assim, uma das hipóteses dessa proposta é que as experiências humanas mais básicas, as quais se estabelecem a partir do corpo, fornecem as bases dos sistemas conceptuais humanos.

Lakoff e Johnson (*op.cit.*) afirmam que se conceptualiza experiências não físicas em termos de experiências físicas. Tais conceptualizações justificam-se pelo fato de se compreender algo que não é claramente delineado em termos de algo que é mais claramente delineado. O conceito de tempo, por exemplo, fundamenta-se na compreensão de espaço, como se verifica na frase “*Daqui*

*para frente*, tudo vai ser diferente”, em que as expressões espaciais (*D*)*aqui e para frente* foram usadas para se referir ao tempo.

O pensamento é compreendido, portanto, como *corporificado*, uma vez que a sua estrutura e a sua organização estão associadas diretamente à estrutura do corpo, assim como às restrições humanas de percepção e de movimento no espaço. Dessa forma, alguns dos conceitos centrais em termos dos quais o corpo humano funciona, como PARA CIMA-PARA BAIXO, DENTRO-FORA, FRENTE-ATRÁS, LUMINOSO-SOMBRIO, QUENTE-FRIO e MACHO-FÊMEA, são definidos de maneira mais direta e, logo, mais clara do que outros. Entretanto, Lakoff e Johnson (*op.cit.*) argumentam que a maior parte do sistema conceptual humano é metaforicamente estruturada, isto é, que os conceitos, em sua maioria, são parcialmente compreendidos em termos de outros conceitos.

O conceito DISCUSSÃO, por exemplo, é parcialmente compreendido em termos do conceito GUERRA, o que é possibilitado pela existência da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA no sistema conceptual humano. Tal metáfora, à primeira vista, confirma a possibilidade de se compreender um conceito em termos de outro, mas parece ir de encontro à hipótese da corporificação, já que a maioria das pessoas não experiencia uma guerra. Essa impressão de que a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA não é proveniente das interações do homem com o ambiente físico, no entanto, é bastante questionável.

Refletindo acerca do fato de que a maioria das pessoas aprende sobre discussão antes de aprender sobre guerra, questiona-se como é possível estruturar o conceito DISCUSSÃO a partir do conceito GUERRA se este é aprendido depois daquele.

A resposta para essa questão está no fato de que as crianças lutam contra as manipulações físicas de seus pais, e que essas lutas se fundem com palavras, à medida que a linguagem é aprendida. Assim, o conceito base para se estruturar o conceito de “guerra” é o de “luta” ou “confronto físico”. Vê-se, portanto, que a metáfora DISCUSSÃO É LUTA pode ser considerada primária.

Além disso, é importante ressaltar que a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA se origina em crianças que já possuem a metáfora DISCUSSÃO É LUTA em seus sistemas conceptuais, e, apenas depois que essa nova metáfora é incorporada ao sistema conceptual, pode-se compreender discussão em termos de guerra.

Lembrando que esta reflexão está centrada no artifício cognitivo de extensão, ressalta-se que o primeiro contato do homem com o mundo acontece por meio dos sentidos corporais, e, a partir disso, algumas extensões de sentido são formadas. Entende-se, pois, que, partindo do conceito de “luta”, é possível estruturar uma discussão em termos de guerra.

Os confrontos físicos associados às palavras no desenvolvimento da criança servem de base para a formação da metáfora primária DISCUSSÃO É LUTA, e, conforme as crianças crescem, seus conhecimentos acerca de luta são estendidos até chegar a formas mais violentas de confronto, como batalhas e guerras. É justamente por meio desses conhecimentos adquiridos que a metáfora primária da “luta” também se estende, até que a metáfora da “guerra” seja incorporada ao sistema conceptual. Tendo em vista essas reflexões acerca das metáforas abordadas, neste trabalho, parte-se da hipótese de que a metáfora da “guerra” é uma extensão da metáfora da “luta”.

Na próxima seção, apresentam-se alguns traços característicos de uma batalha que estruturam o conceito de “discussão”.

### **3) Da conversa à “guerra”**

Lakoff e Johnson (*op.cit.*) sugerem que a diferença básica entre uma conversa e uma discussão é a sensação de estar em uma batalha. Em vista disso, percebem-se alguns traços

característicos de uma batalha em uma discussão, a saber: um dos participantes tem uma opinião que considera importante e que o outro não aceita; pelo menos um dos participantes deseja que o outro desista de sua opinião e isso cria um entendimento de que há algo a ser ganho ou perdido; percebe-se o envolvimento em uma discussão quando se nota a própria posição sob ataque, ou quando se sente necessidade de atacar a posição do outro participante; e, principalmente, entende-se que a conversa tornou-se uma discussão quando o interesse maior é tentar fazer a opinião do outro ser desacreditada, enquanto se tenta manter a própria posição. Dessa forma, considera-se discussão uma conversa em que o elemento de cooperação polida pode desaparecer.

Apesar de não ser um combate real, a estrutura desse tipo de conversa assume aspectos da estrutura de guerra, os quais influenciam nas atitudes dos participantes. Sendo assim, um participante experiencia o outro como adversário, ataca a posição do outro, defende a sua própria posição e tenta fazer o adversário render-se. A reestruturação da conversa em termos da estrutura da guerra pode ser vista a partir das características a seguir:

Você tem uma opinião que considera importante. (ter uma posição); O outro participante não concorda com você. (ter uma posição diferente); É importante para vocês dois, ou pelo menos para um de vocês, que o outro desista de sua opinião (render-se) e aceite a do outro (vitória). (ele é seu adversário); A diferença de opiniões torna-se um conflito de opiniões. (conflito); Você pensa na melhor maneira de convencê-lo a aceitar seu ponto de vista (plano de estratégia) e considera que evidência você poderá trazer para reforçar sua questão. (forças marciais); Considerando o que você percebe como fraquezas da posição do outro, você faz perguntas e coloca objeções planejadas para forçá-lo a desistir e adotar a sua opinião. (ataque); Você tenta trocar as premissas da conversa de maneira que você fique numa posição mais forte. (manobra); Respondendo às perguntas e objeções do outro, você tenta manter sua própria opinião. (defesa); À medida que a discussão se desenvolve, há necessidade de revisão para poder manter sua visão geral. (recuo); Você pode levantar novas questões e objeções. (contra-ataque); Ou você se cansa e decide parar de discutir (trégua) ou nenhum de vocês dois consegue convencer o outro (impasse), ou um de vocês desiste (rendição).

(Lakoff & Johnson, 2002, p.156-157)

As características vistas transformam uma conversa em discussão, pois correspondem a elementos do conceito de “guerra”. Tais elementos se adicionam ao conceito de “conversa” nas seis dimensões de estrutura da conversa.

As seis dimensões principais que estruturam uma conversa polida são: *participantes* – aqueles que assumem papel de falante e definem a conversa por aquilo que fazem e pelo papel que desempenham ao longo dessa; *partes* – cada turno de fala que compõe a conversa como um todo, as quais devem ser colocadas juntas de maneira que haja um conversa coerente; *sequência linear* – os turnos de fala dos participantes são organizados em uma sequência linear, tendo como condição geral a alternância dos falantes; *causalidade* – espera-se que o fim de um turno de fala dê início ao próximo turno; *propósito* – o propósito maior de uma conversa é manter uma interação social polida de modo razoavelmente cooperativo; *estágios* – conjunto de condições iniciais (coisas ditas para dar início à conversa: Olá! Como vai?) somados aos estágios começo, meio e fim (esses estágios são marcados por expressões que fazem a conversa desenvolver-se ao longo de sua parte central e por expressões finalizadoras).

No conceito de “guerra”, essas mesmas dimensões definem-se da seguinte forma: *participantes* – pessoas ou grupos de pessoas que desempenham papel de adversários; *partes* – as duas posições, planejamento de estratégias, ataque, defesa, recuo, manobra, contra-ataque, impasse, trégua, rendição/vitória; *sequência linear* – recuo depois de ataque, defesa depois de ataque, contra-ataque depois de ataque; *causalidade* – ataque resulta em defesa, ou contra-ataque, ou recuo, ou fim; *propósito* – vitória; *estágios* – formados pelas condições iniciais, início, meio e fim. Nas *condições iniciais*, os participantes tem diferentes posições, assumem que podem defendê-las e pelo

menos um deseja que o outro se renda. No *início*, um adversário ataca. No *meio*, existem combinações de defesa, de manobra, de recuo e de contra-ataque. No *fim*, ou existe uma trégua, ou um impasse, ou rendição/vitória. E como estado final tem-se a paz, ou seja, o vitorioso domina o perdedor.

Vê-se, dessa forma, que a atividade de falar é estruturada em termos de outra atividade, a guerra. Entende-se que discussão é uma conversa porque a atividade de falar acontece em ambos os casos e uma discussão tem todos os traços básicos de uma conversa. Por outro lado, considera-se DISCUSSÃO É GUERRA uma metáfora porque se entende que discussão e guerra são tipos de atividades diferentes, e porque discussão é parcialmente estruturada em termos de guerra, ou seja, apenas alguns elementos do domínio GUERRA são usados em termos de discussão. Assim, defini-se a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA por meio dos seguintes critérios: diferença no tipo de atividade e estruturação parcial.

A seguir, comenta-se acerca dos mecanismos cognitivos que possibilitam a existência das metáforas conceptuais e o caráter estrutural dessas.

#### 4) Ferramentas cognitivas: domínios e projeções

De acordo com a perspectiva cognitivista, não há necessidade de se diferenciar conhecimento linguístico de conhecimento não linguístico. Dessa forma, para se compreender uma estrutura da língua, os processos de pensamento subjacentes à utilização de tal estrutura devem ser considerados, assim como a adequação do uso aos contextos reais nos quais essas estruturas são construídas.

Considerando a forma linguística como uma pista para se compreender as complexas tarefas cognitivas associadas à linguagem, entende-se que o sentido não é uma propriedade intrínseca dessa, mas resulta de uma atividade conjunta, associada aos processos de projeção e transferência entre domínios conceptuais.

Como esclarece Martelotta (2008, p.184), “os *domínios conceptuais*, ou conjuntos de conhecimentos estruturados, são espaços de referenciação ativados quer por formas linguísticas, quer pragmaticamente, ajudando a construir, assim, os significados”. Tais domínios são de duas naturezas: domínios estáveis e domínios locais. Nesta pesquisa, consideram-se apenas os domínios estáveis.

Domínios estáveis, ainda de acordo com Martelotta (*op.cit.*, p.185), “são conjuntos de conhecimentos armazenados na memória pessoal ou social, que se constituíram historicamente como uma herança da espécie humana, ou seja, é um conjunto de informações que o homem aprendeu a partilhar”.

Enfatiza-se que a construção do sentido implica o estabelecimento de conexões entre domínios cognitivos. Essas conexões ocorrem por meio de um processo chamado projeção. As *projeções de domínios conceptuais estruturados* consistem em utilizar a estrutura de um determinado domínio, chamado de domínio-fonte, para falar ou pensar outro domínio, denominado domínio-alvo. Neste artigo, observa-se como a estrutura dos domínios LUTA e GUERRA são parcialmente empregadas para se falar ou pensar o domínio DISCUSSÃO.

As ferramentas cognitivas apresentadas neste tópico serão observadas de forma mais detalhada na seção de análise.

#### 5) Análise

Escolheu-se analisar um excerto da primeira sessão de mediação de um caso que gerou, no total, cerca de sete horas de gravação. Tal caso divide-se em duas entrevistas de pré-mediação e cinco sessões de mediação, as quais foram transcritas de acordo com o procedimento da Análise da Conversa Etnometodológica.

Esse caso de mediação, o qual ocorreu no Rio de Janeiro, foi acompanhado e gravado pelo Prof. Dr. Paulo Cortes Gago (UFJF), e utiliza-se a transcrição feita a partir de tal caso no projeto de pesquisa “Contextos de intervenção de terceiras partes em situação de conflito” (projeto SHA – APQ 2129, FAPEMIG).

A sessão selecionada para esta análise, a qual gerou quarenta e cinco minutos de gravação, trata-se do primeiro encontro de Amir e Flávia, pais de Vitor e Íris, após algum tempo de separação. Nesse encontro, a mediadora procura fazer com que ambos tentem um acordo a respeito do pedido de regulamentação de visita aos filhos, feito por Amir.

No corpus, do qual os exemplos foram obtidos, utilizam-se pseudônimos para identificar os participantes. Verifica-se, portanto, a seguinte distribuição no excerto selecionado: Sônia, assistente social, é a mediadora desse encontro; Amir é o requerente do processo de pedido de regulamentação de visita; Flávia é a requerida; e Vitor e Íris são filhos de Amir e Flávia.

Tendo em vista a grande frequência de uso do conector “mas” durante essa sessão, esse conector foi escolhido como pista linguística para investigar como o artifício de extensão possibilita que o conceito de “discussão” seja estruturado em termos do conceito de “guerra”.

Apresenta-se, abaixo, um excerto da transcrição da primeira sessão desse caso de mediação:

Sônia	realmente dona:: flávia, uma das características da síndrome do pânico e da depressão, seu amir tem uma coisa e outra meio misturado, né. é isso exatamente, desse dessa embotamento, né. dessa tristeza,=
Flávia	=e isso não afeta. uma criança estando junto. o psicológico do meu filho como é que fica.
Sônia	provavelmente sim. <b>mas</b> esse é o pai do vitor.
Flávia	É. inclusive você falou na última visita que é o pai que a gente escolheu, não é, que a gente escolheu pra si. <b>Mas</b> ele não é quem eu escolhi, porque ele é outra pessoa, atualmente ele é outra pessoa. quem eu escolhi era completamente diferente, era uma pessoa generosa, mu::ito melhor do que agora. não era mentirosa, não armava situações contra mim, entendeu. isso eu quero saber se afeta também se afeta a personalidade dele. porque quando eu falei aquele lance do meu namorado da minha casa, eu queria saber o que que incomodou [ o meu namorado,
Sônia	[ espera ae. vamos por partes.
Flávia	É, [ eu quero saber se,
Sônia	[ vamos por partes, e conversarmos especialmente sobre os meninos né.
Flávia	Mas é isso que eu quero ver, a personalidade dele mudou muito. <b>NÃO</b> é quem eu escolhi só que eu vol-, <b>NÃO</b> é quem eu escolhi pra casar, realmente não é. eu não conheço essa pessoa. pelas coisas que ele faz, que ele fala, que ele age,
Sônia	Mas olha só dona flávia,
Flávia	Ele mente.
Sônia	Mas ó, o seu amir é o pai dos meninos. É isso. <b>TÁ</b> colocado <b>ASSIM</b> . não tem como <b>FUGIR</b> . [esse é o pai dos meninos.]
Flávia	[você é pai da íris.] você considera a íris como sua filha.
Amir	A não ser qu-
Sônia	Deixa o seu amir falar um pouquinho então dona flávia.
Amir	A não ser que você fale o contrário, <b>mas</b> parece que sou né.

Um pouco antes desse excerto, Flávia alega que Amir não teria condições de cuidar de seus filhos, já que esse entraria em crises de síndrome do pânico e de depressão algumas vezes. Além disso, Flávia diz que seu filho teria medo de ficar com o pai.

Nesse excerto, os participantes apresentam *posições diferentes*, a saber: Flávia considera que seus filhos não devem ficar com o pai e Sônia considera que é um direito do pai receber a visita dos filhos. Em vista dessas posições diferentes, o objetivo dos participantes da conversa é fazer com que o outro *se renda*, ou seja, desista de sua opinião e aceite a opinião contrária, o que para um dos participantes representaria uma *vitória*. Dessa forma, um participante experiencia o outro como *adversário*.

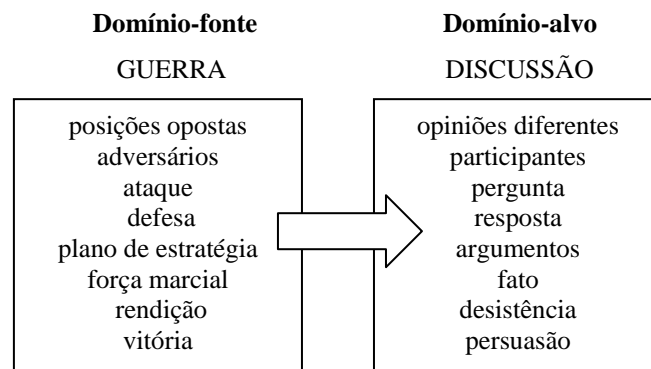
A diferença de opiniões entre os participantes torna-se um *conflito de opiniões*. Sendo assim, considerando a doença de Amir como uma fraqueza da posição de Sônia, Flávia faz uma pergunta, a qual ocupa o segundo turno de fala desse excerto, para forçar a mediadora a desistir de sua opinião.

A pergunta feita por Flávia é entendida como um *ataque*. Em vista disso, Sônia tenta manter sua opinião por meio de uma resposta, a qual é conceptualizada como uma *defesa*.

Cada participante pensa na melhor maneira de convencer o outro a aceitar seu ponto de vista, ou melhor, os dois participantes criam um *plano de estratégia*. Seguindo seu plano de estratégia, Flávia ataca a posição de Sônia, perguntando à mediadora se a doença de Amir não afetaria psicologicamente o filho do ex-casal. Sônia também utiliza um plano de estratégia, a saber: não discorda da alegação de Flávia, contudo, logo depois, utiliza o conector “mas” para introduzir uma evidência que reforça sua posição. A fala “mas esse é o pai do vitor”, portanto, contém uma evidência conceptualizada como uma *força marcial*.

A seguir, demonstram-se, por meio de um esquema, algumas projeções envolvidas no primeiro uso do “mas” exposto nesse excerto:

### Esquema 1

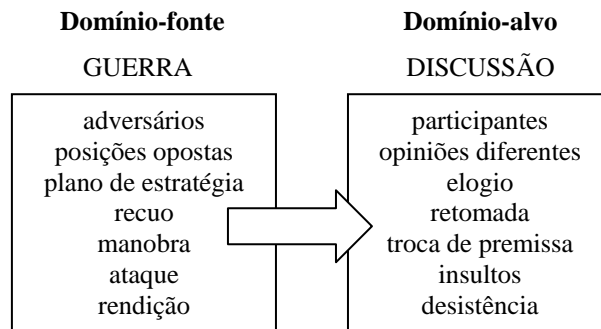


Para manter a visão de que visitar o pai não faz bem a Vitor e Íris, no quarto turno de fala, Flávia retoma a afirmação *Amir é o pai que Flávia escolheu para seus filhos*, feita pela mediadora em uma outra sessão, negando-a por meio de insultos. Essa estratégia de retomada, a qual é conceptualizada como um *recuo*, possibilita que Flávia execute uma *manobra*, ou seja, tente trocar a premissa *Amir é o pai que Flávia escolheu para seus filhos* por *Amir não é o pai que Flávia escolheu para seus filhos, pois não é mais a mesma pessoa*. Com essa manobra, Flávia pretende colocar-se em uma posição mais forte do que a da mediadora, para atacar a posição de Sônia e forçá-la a adotar outra posição (*render-se*).

Como se verifica no trecho “quem eu escolhi era completamente diferente, era uma pessoa generosa, muito melhor do que agora. não era mentirosa, não armava situações contra mim, entendeu.”, Flávia, primeiramente, elogia o ex-marido, para depois alegar, por meio da negação, que Amir não possui mais as mesmas qualidades. Esses elogios fazem parte do *plano de estratégia* adotado pela medianda, e funcionam como uma justificativa para a escolha de ter filhos com Amir, a qual Flávia fez no passado.

Apresentam-se, abaixo, algumas projeções que fundamentam o uso do “mas” nesse segundo caso:

## Esquema 2



No contexto em que esse excerto se insere, vê-se que Amir é mais próximo de Vitor do que de Íris. De acordo com Flávia, Amir não procura entrar em contato com a filha, porém, esse participante nega a acusação da ex-mulher, dizendo que está tentando se aproximar aos poucos da menina.

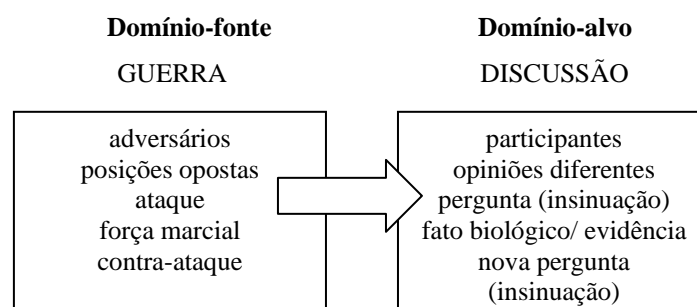
Nesse excerto, nota-se que Flávia considera o fato de Amir não estar conseguindo se aproximar da filha como uma fraqueza de seu adversário, já que a medianda *ataca* a posição social de pai do ex-marido, questionando se Amir é realmente pai da menina, uma vez que as atitudes desse participante não estariam condizendo com o papel de pai.

Amir, por sua vez, *contra-ataca* o argumento subentendido no questionamento de Flávia - *Amir não é o pai da Íris porque não dá atenção a ela* -, levantando uma nova questão, a qual põe em dúvida a honestidade de sua ex-mulher, a saber: “a não ser que você fale o contrário, mas parece que sou né.”.

Nesse último caso, o conector “mas” introduz uma nova pergunta, a partir da qual se infere a resposta de Amir. Além disso, subentende-se, nesse questionamento, o fato biológico de Amir ser o pai das crianças como uma *força marcial*.

Em vista dessa análise, observa-se o seguinte esquema:

## Esquema 3

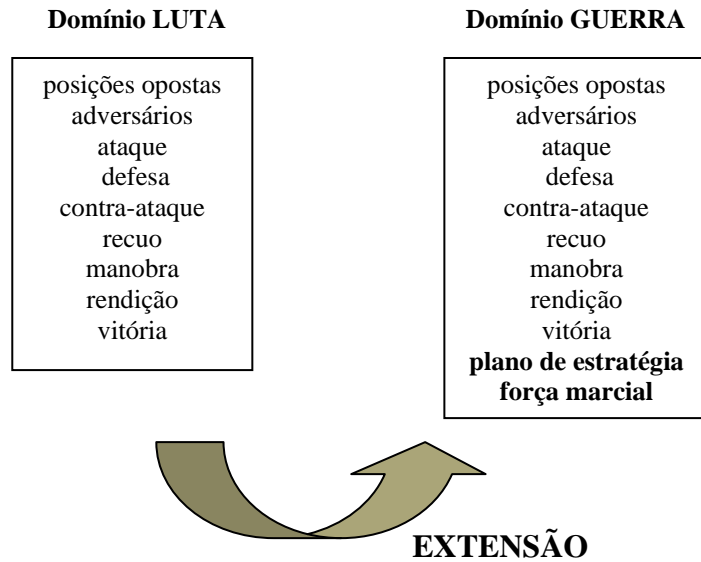




Nota-se que o domínio DISCUSSÃO é parcialmente estruturado pelo domínio GUERRA nos três casos, uma vez que apenas alguns elementos deste domínio são projetados naquele.

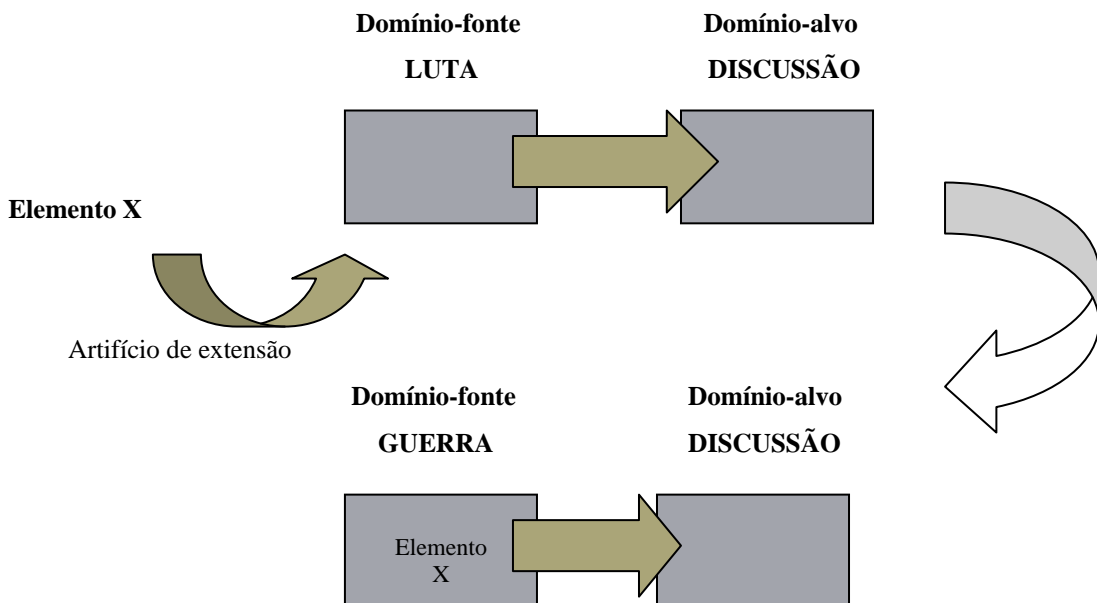
Analisando o excerto e os esquemas de projeções apresentados, verifica-se que os elementos *plano de estratégia* e *força marcial* fazem parte, unicamente, do domínio GUERRA. Consta-se, portanto, que esse domínio é formado por extensão, uma vez que todos os outros elementos analisados correspondem tanto ao domínio LUTA quanto ao domínio GUERRA, como se observa no esquema abaixo:

**Esquema 4**



Considerando que o artifício de extensão baseia-se na introdução de um novo elemento conceptual no domínio-fonte, desenvolveu-se a seguinte representação para explicar melhor o processo de formação da metáfora estendida DISCUSSÃO É GUERRA:

**Esquema 5**



Observa-se, no esquema acima, que o domínio-fonte LUTA estruturava o domínio-alvo DISCUSSÃO inicialmente, porém, a inserção de um novo elemento nesse domínio-fonte originou um novo domínio, o da GUERRA, o qual passou a ser o domínio-fonte que estrutura o domínio-alvo DISCUSSÃO.

## 6) Considerações finais

Os resultados desta pesquisa indicam que os elementos *plano de estratégia e forças marciais* foram introduzidos no domínio LUTA para que o domínio GUERRA fosse formado por extensão.

Afirma-se ainda que a existência do recurso de extensão possa explicar a incorporação da metáfora da “guerra” no sistema conceptual humano, uma vez que mesmo as pessoas que não estiveram em uma guerra possuem a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA em seus sistemas conceptuais.

Ressalta-se também que a extensão do domínio LUTA relaciona-se aos propósitos argumentativos dos seres humanos, uma vez que intensifica a força dos argumentos em uma discussão.

## Referências:

BARCELONA, Antonio. *Metaphor and Metonymy at the Crossroads: A Cognitive Perspective*. New York: Mouton de Gruyter, 2003, p. 299 – 320.

CHIAVEGATTO, Valeria Coelho. “Gramática: Uma perspectiva sociocognitiva”. In: *Pistas e Travessias II: bases para o estudo da Gramática, da cognição e da interação*. Organização, Valeria Coelho Chiavegatto. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

DURANTI, Alessandro. “Trocas Conversacionais”. Tradução de Letícia Loder (mimeo). In: Duranti, A. *Linguistic anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

GAGO, Paulo Cortes. *A organização sequencial da conversa*. Calidoscópio, v. 03, n. 02, p. 61-73, maio/ agosto de 2005.

KÖVECSESES, Zoltán. *Metaphor: A Practical Introduction*. Oxford, Oxford University Press, 2002, p.43-55.

\_\_\_\_\_. *Metaphor in Culture: Universality and Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p.163-192.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: EDUC/Mercado de Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *Metaphor we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

MARTELOTTA, M.E. & PALOMANES, R. “Linguística Cognitiva”. In: Martelotta, M.E. (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

MOURA, H.M.M. “Pressuposição”. In: *Significação e Contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática*. SC: Insular, 2006, p.12-15/52-58.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. *Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa*. *Language*, v. 50, n. 4, p. 696 – 735, 1974.

SAMPAIO, Lia Regina Costaldi & BRAGA NETO, Adolfo. *O que é mediação de conflitos*. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção primeiros passos; 325).

SARDINHA, Tony Beber. “Metáforas da empresa”. In: *Metáforas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.